

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXV nº 1524 | 09/11/2020 a 22/11/2020

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

MERCADO

GANGORRA DO AGRO

Demanda internacional e câmbio favorecem cotações da soja e do milho, mas elevam os custos de produção das carnes



sistemafaep.org.br

Aos leitores

Diferentemente de outras edições do Boletim Informativo, quando esse espaço foca em um determinado assunto, essa merece mais de um tema. Isso porque a pauta está repleta de conteúdos importantes para o produtor rural, dentro e fora da porteira.

A matéria de capa faz um apanhado de como a demanda internacional e o câmbio estão impactando nos setores agrícola e pecuário. Enquanto uns estão faturando alto com a comercialização dos grãos, outros enfrentam dificuldades com a alta no preço da ração. Não existe um culpado. É a dinâmica do mercado, a famosa oferta e demanda. O que pode ser feito, para minimizar os efeitos, é um planejamento antecipado.

Ainda, outro material reforça a pujança do campo. A divulgação do Valor Bruto de Produção Agropecuária de 2019 expõe as cifras bilionárias que o meio rural faz girar na economia dos 399 municípios do Estado. Esse desempenho conta, entre outros aspectos, com o uso da tecnologia. Por isso, o BI traz uma matéria sobre a dinâmica da Agricultura de Precisão, que conta com cursos do SENAR-PR para repassar esse conhecimento aos produtores e trabalhadores.

Falando neste público, uma matéria explica o novo texto da NR 31, que promete dinamismo e menos burocracia para as regras de segurança e saúde no trabalho no campo.

O resumo reforça a importância da leitura, de cabo a rabo, desta edição por conta dos temas relevantes para o setor. Então, aproveite para ficar bem informado.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos e William Goldbach | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1524:

Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

MERCADO

Demanda internacional e valor do dólar favorecem preços da soja e do milho, mas acendem alerta para cadeia de carnes

PÁG. 22

NR 31

Governo federal aprova novo texto da NR 31, com menos burocracia e regras mais claras aos produtores rurais

Pág. 4

ECONOMIA

VBP paranaense de 2019 somou R\$ 98 bilhões e nove municípios alcançaram mais de R\$ 1 bilhão

Pág. 8

CAPACITAÇÃO

Curso do Sistema FAEP/SENAR-PR promove conhecimento sobre seguro rural

Pág. 11

TECNOLOGIA

Agricultura de Precisão (AP) acompanha a modernização do campo e possibilita aplicação de novas tecnologias

Pág. 12

PANDEMIA

Capacitações presenciais do SENAR-PR acontecem com distanciamento social e redução do número de alunos

Pág. 18

Concursos da dengue e água recebem mais de 2 mil inscrições

Alunos enviaram 2.308 redações e desenhos e professores, 265 práticas pedagógicas. Resultado será divulgado na segunda quinzena de novembro

As campanhas “Agro pela Água” e “Todos Contra a Dengue”, promovidas pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, receberam 2.308 inscrições, entre desenhos e redações, de alunos e 265 práticas pedagógicas de docentes. Professores e alunos das redes pública e privada de todas as regiões do Paraná, com o apoio do personagem Agrinho, arregaçaram as mangas e se engajaram nas duas causas importantes para o Estado. O resultado com os vencedores de cada categoria, que serão premiados com *notebooks* e *tablets*, vai sair de uma análise criteriosa feita por uma banca de especialistas do Sistema FAEP/SENAR-PR e de entidades parceiras. Os nomes dos premiados serão divulgados na segunda quinzena de novembro, no site www.sistemafaep.org.br.

O presidente da entidade, Ágide Meneguette, agradeceu a toda a rede de educação estadual, pública e particular, pelo empenho em superar os percalços vividos nesse ano e participarem da ação especial envolvendo o Agrinho.

“O que nós assistimos foi uma verdadeira aula de cidadania. Mesmo com as dificuldades desse ano, impostas pela pandemia do novo coronavírus, os professores e estudantes do Paraná deram o exemplo e tomaram a frente da construção de um futuro melhor para os paranaenses. Deixo aqui registrado meus parabéns para cada um que se dedicou nessa missão”, resume Meneguette.



Campanhas

Por causa da pandemia, o Programa Agrinho não pôde ser realizado em seu formato tradicional em 2020. Por isso, foram promovidas as campanhas “Todos Contra a Dengue” e “Agro pela Água”, com a participação dos personagens da Família Agrinho. Ambas foram lançadas pelo Sistema FAEP/SENAR-PR e contam com o apoio de instituições do poder público e da iniciativa privada.

As campanhas envolvem uma série de ações, como a disponibilização de materiais didáticos específicos sobre os temas, para que os professores pudessem trabalhá-los com os alunos de forma complementar. Vídeos de apoio e até mesmo um jogo *online* também foram lançados. Apesar de temas distintos, ambas as campanhas puderam ser trabalhadas de forma simultânea, incorporadas à rotina das aulas e ao planejamento didático da escola.

Nova NR 31 traz mais segurança e reduz burocracia

Portaria prioriza regras para o meio rural e esclarece obrigações para trabalhadores e empregadores

Os produtores rurais, empregadores, trabalhadores e fiscais do trabalho têm novas regras e orientações sobre segurança e saúde no trabalho na agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e aquicultura. Isso porque, no dia 27 de outubro, foi oficialmente publicada a Portaria 22.677, de 22 de outubro de 2020, aprovada em consenso pelos membros da Comissão Tripartite Paritária Permanente (CTPP), que inclui representantes dos trabalhadores, empregadores e governo federal.

A nova NR 31 entra em vigor um ano após a data de sua publicação, ou seja, no dia 27 de outubro de 2021. A construção da norma trabalhista para as atividades agropecuárias foi um processo longo, envolvendo uma série de discussões entre governo, trabalhadores e empregadores rurais, com participação direta da FAEP.

“A modernização da legislação trabalhista também precisa levar em conta a realidade do homem do campo. O Brasil é um país de ponta em relação ao emprego de novas tecnologias na produção agrícola, e precisamos que estas características sejam consideradas quando falamos da saúde e segurança de quem trabalha no campo, priorizando as boas práticas e estabelecendo uma relação harmônica entre empregadores e trabalhadores rurais”, afirma Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR que atuou diretamente na regulamentação para o meio rural enquanto presidente da Comissão Nacional de Relações do Trabalho e Previdência Social da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

A nova NR 31 evita uma série de autuações irregulares feitas em propriedades rurais, baseadas em outras NRs, principalmente referentes ao meio urbano. Além disso, o texto foi redigido de forma mais clara e simplificada para facilitar o entendimento aos produtores. A atualização está em confor-

midade com a evolução dos processos produtivos, inovações tecnológicas e eventuais riscos gerados à segurança e à saúde dos trabalhadores no meio rural (veja detalhes no quadro das páginas 6 e 7).

“A nova NR 31 foi pensada de acordo com sua aplicabilidade na prática e sua conformidade com a realidade do produtor rural. O texto anterior era muito técnico, o que dificultava o entendimento. Por isso, trabalhamos para a simplificação dos termos, mas sem simplificar o conteúdo ou diminuir a segurança”, destaca Rodrigo Huguene, assessor jurídico da CNA e representante da entidade na CTPP. “Fizemos muitas visitas técnicas em diferentes atividades em diferentes regiões do país para identificar problemas de implantação e elaborar um novo texto, que vai trazer mais segurança e mais saúde para o trabalhador e menos autuações para o empregador”, reforça.

Para Cristiano Zaranza, advogado e consultor jurídico do Instituto Pensar Agro (IPA), que também participou da elaboração do texto, as novas regras vão reduzir as autuações indevidas e trazer mais segurança jurídica. “A nova NR 31 determina o fim da aplicação de normas urbanas no meio rural, sem observância das peculiaridades do setor. O ambiente rural é totalmente diferente do ambiente urbano, por isso, as medidas têm que ser diferentes. Dessa forma, o setor rural passa a contar com uma regulamentação mais moderna e adequada às singularidades do trabalho no campo”, destaca.

A advogada e consultora para Assuntos Sindicais e Trabalhistas da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Elimara Aparecida Assad Sallum, reforça a análise de que o novo texto é um avanço para o setor rural, pois foram feitas adequações da norma à realidade e a reorganização geral, reduzindo de 23 para 17 capítulos.



R\$ 4 bilhões

Essa deve ser a economia no setor rural em razão da menor burocracia e autuações indevidas

ATUAÇÃO



“Durante os 15 anos de vigência da NR 31, ocorreram dúvidas na sua interpretação, além de muitas obrigações incompatíveis com a realidade do campo. No processo de revisão, manteve a segurança dos trabalhadores, mas com uma linguagem mais clara e acessível, fatores que simplificam o processo”, destaca.

Segurança no campo

Com a atualização, o documento desfaz regras impossíveis de serem cumpridas e esclarece itens, aperfeiçoando, inclusive, o critério de dupla visita, que é a notificação antes da multa por meio da fiscalização. “Muitas vezes, são termos técnicos que precisam ser esclarecidos para que, quem leia, compreenda o que está sendo dito. Como são muitos itens, isso pode custar muito caro a uma pessoa que não sabe direito o que está errando, porque a norma é complexa”, aponta Zaranza.

Além disso, o documento traz novas orientações que melhor atendem aos pequenos e médios produtores, como, por exemplo, possibilidade de utilização de moradias como alojamentos, mudanças nas regras de distanciamento de construções para armazenamento de defensivos agrícolas e inserção do conceito de “trabalho itinerante”, referente aos trabalhadores que percorrem a propriedade sozinhos ou em pequenos grupos para atividades pontuais.

Com a modernização, a expectativa é que o setor economize R\$ 4 bilhões ao ano com menos burocracia e autuações indevidas. Ainda, a nova NR 31 autoriza a criação do Programa de Gerenciamento de Risco no Trabalho Rural (PGRTR), ferramenta gratuita que vai auxiliar os pequeno e médio produtores rurais com até 50 empregados. O programa será revisto a cada três anos.

“Na norma anterior, era de responsabilidade do empregador contratar um profissional para elaborar esse gerenciamento de riscos, o que custava ao produtor rural, aproximadamente, R\$ 1,3 mil ao ano para o pequeno e R\$ 2,8 mil ao ano para o médio”, explica Huguenev.

Outra novidade da NR 31 é a possibilidade da utilização da modalidade Ensino à Distância (EaD) em treinamentos teóricos, o que confere mais capilaridade às capacitações e resulta na redução de 70% do custo, o equivalente a R\$ 1,6 bilhão a cada dois anos. Essa economia também é resultado da inclusão da possibilidade de reaproveitamento dos treinamentos pelo período de dois anos.

Atuação da FAEP

O coordenador do Departamento Jurídico da FAEP, Klaus Kuhn, revisando o passado, lembra que a NR 31 foi aprovada pela Portaria 86, de março de 2005, do Ministério do Trabalho e Emprego. Representando a FAEP nessas discussões, juntamente com Francisco Carlos do Nascimento, vice-presidente da entidade, relembra que a norma já sofreu três alterações, nos anos de 2011, 2013 e 2018. Entretanto, essas mudanças e revisões foram pontuais, não surtindo grandes efeitos sobre a regulamentação do trabalho rural.

“Agora, com a publicação da Portaria 22.677, de 22 de outubro de 2020, que aprovou a nova redação da NR 31, o setor rural passa a contar com um normativo mais moderno e adequado. É o resultado de anos de trabalho e discussões travadas entre governo, trabalhadores e empregadores rurais”, destaca Kuhn.

Confira as principais mudanças na NR 31

O documento, originalmente com 23 capítulos, passa a ter 17.

Com o objetivo de deixar o texto mais claro, totaliza 900 itens, em comparação aos 750 anteriores.

NR 31 DE 2005	NR 31 DE 2020
<p>Permitia aplicação de NRs de outros setores econômicos e relacionados ao meio urbano nas atividades da agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e aquicultura, além de exploração industrial desenvolvidas em estabelecimentos rurais.</p>	<p>Aplica-se somente o disposto nesta NR, salvo as situações indicadas no documento e suas NRs relacionadas.</p>
<p>Direitos dos Trabalhadores</p> <p>- Em caso de grave e iminente risco para a segurança e saúde do trabalhador ou de terceiros, orientava-se informar imediatamente ao seu superior hierárquico para que fossem tomadas as medidas de correção adequadas, interrompendo o trabalho se necessário.</p>	<p>Direitos dos Trabalhadores</p> <p>- O trabalhador pode interromper suas atividades quando constatar uma situação de trabalho onde, a seu ver, envolva um risco grave e iminente para a sua vida e saúde, informando imediatamente ao seu superior hierárquico.</p>
<p>Medidas de Proteção Pessoal</p> <p>- Determinava-se obrigatório o fornecimento gratuito aos trabalhadores de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) nas seguintes circunstâncias:</p> <ul style="list-style-type: none">a) sempre que as medidas de proteção coletiva forem tecnicamente comprovadas inviáveis ou quando não oferecerem completa proteção contra os riscos decorrentes do trabalho;b) enquanto as medidas de proteção coletiva estiverem sendo implantadas;c) para atender situações de emergência.	<p>Medidas de Proteção Pessoal</p> <p>- É obrigatório o fornecimento gratuito aos trabalhadores de EPI, nos termos da Norma Regulamentadora 6.</p> <ul style="list-style-type: none">- Inclusão de orientações específicas ao empregador quanto a sua responsabilidade na conservação do EPI.- Inclusão de regras para disponibilização de dispositivos de proteção pessoal, como protetor solar.
<p>Agrotóxicos, Aditivos, Adjuvantes e Produtos Afins</p> <p>- As edificações destinadas ao armazenamento de agrotóxicos, adjuvantes e produtos afins devem estar situadas a mais de 30 metros das habitações e locais onde são conservados ou consumidos alimentos, medicamentos ou outros materiais, e de fontes de água.</p>	<p>Agrotóxicos, Aditivos, Adjuvantes e Produtos Afins</p> <p>- As edificações destinadas ao armazenamento de agrotóxicos, aditivos, adjuvantes e produtos afins devem estar situadas a mais de 15 metros das habitações e locais onde são conservados ou consumidos alimentos, medicamentos ou outros materiais.</p> <ul style="list-style-type: none">- O transporte e o armazenamento de embalagens lacradas e não violadas são considerados como exposição indireta.
<p>Transporte de Trabalhadores</p> <p>- O transporte coletivo de trabalhadores deve possuir autorização emitida pela autoridade de trânsito competente.</p> <p>- O transporte de trabalhadores em veículos adaptados somente ocorrerá em situações excepcionais, mediante autorização prévia da autoridade competente em matéria de trânsito, devendo o veículo apresentar as seguintes condições mínimas de segurança, como assentos revestidos de espuma, com encosto e cinto de segurança.</p>	<p>Transporte de Trabalhadores</p> <p>- Inclusão de regras para o transporte coletivo de trabalhadores, como exigência de vistoria anual do veículo e, em caso de veículos adaptados, possuir certificações emitidas pelas autoridades competentes e possuir assentos, na quantidade suficiente para todos os passageiros, revestidos de espuma, com encosto e cinto de segurança, e fixados na estrutura da carroceria.</p>

Veja as novas orientações a partir do texto da NR 31

Obrigações dos Trabalhadores

- Inclusão de orientações relacionadas às áreas de vivência, ferramentas, máquinas e equipamentos.

Treinamentos e Capacitações

- Treinamentos ou capacitações podem ser ministrados na modalidade EaD, desde que atendidos os requisitos operacionais, administrativos, tecnológicos e de estruturação pedagógica.

- Para efeito de periodicidade de realização de novo treinamento, deve ser considerada a data do treinamento mais antigo convalidado ou complementado.

Programa de Gerenciamento de Riscos no Trabalho Rural (PGRTR)

- Criação do PGRTR para auxiliar na elaboração de plano de ação do empregador rural ou equiparado que possua, por estabelecimento rural, até 50 empregados por prazo determinado e indeterminado.

- O PGRTR deve ser revisto a cada três anos, ou quando ocorrerem inovações e modificações nas tecnologias, ambientes, processos, condições, procedimentos e organização do trabalho, ou quando identificadas inadequações ou insuficiência na avaliação dos perigos e na adoção das medidas de prevenção.

Transporte de Cargas

- Inclusão de regras de segurança para transporte de cargas dentro da área interna da propriedade rural.

Trabalho em Altura

- Inclusão de orientações referentes às atividades executadas acima de dois metros do nível inferior, onde haja risco de queda.

“O setor rural passa a contar com uma regulamentação mais moderna e adequada às singularidades do trabalho no campo”

*Cristiano Zaranza,
consultor jurídico do IPA*

SENAR-PR oferece cursos voltados para NR 31

As legislações do trabalho são títulos do catálogo de cursos do SENAR-PR há décadas. A NR 31, publicada em 2005, exigiu o aprofundamento sobre o tema nas qualificações. Em 1993, a capacitação “Aplicação de agrotóxicos” foi o primeiro título lançado a campo pela entidade. Mas, a partir de 2006, o curso teve, além dos conteúdos revisados, a carga horária do curso adequada para atendimento à norma.

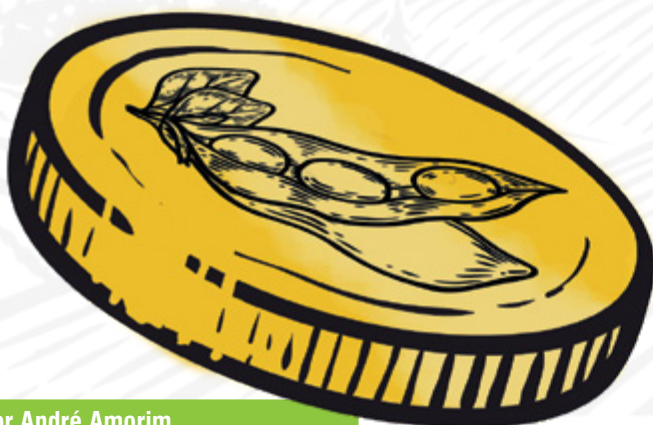
De lá para cá, outros temas sobre segurança do trabalho foram inseridos no catálogo do SENAR-PR, além de adequações em títulos já ofertados, considerando as exigências da NR 31. O curso “Comissão Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho Rural (CIPATR)” trata da adoção de medidas de segurança no trabalho rural, analisando os riscos e as medidas para prevenção de acidentes.

Os títulos de máquinas, que abordam a segurança no trabalho em máquinas, equipamentos e implementos, também sofreram adequações, como os voltados para operação e manutenção de tratores e colhedoras (tangencial e axial) e os títulos de máquinas pesadas (motoniveladora, pá carregadora, retroescavadeira, caminhão Munck, carregadora de cana de açúcar e florestal, além do curso de escavadeira hidráulica).

“Com a atualização da legislação, iniciamos a análise criteriosa das mudanças na norma, que impactam diretamente os diversos títulos do SENAR-PR. Manter atualizado o amplo e diversificado catálogo de cursos é um desafio a que estamos atentos e comprometidos”, destaca Débora Grimm, superintendente do SENAR-PR.

Riqueza que nasce do campo

Valor Bruto de Produção Agropecuária de 2019 beira os R\$ 100 bilhões. Nove municípios ultrapassaram a casa do R\$ 1 bilhão



Por André Amorim

Mesmo atravessando períodos desafiadores do ponto de vista climático, causados sobretudo por uma severa estiagem, o agro paranaense continua alcançando cifras cada vez maiores. Em outubro deste ano, o Departamento de Economia Rural (Deral) da secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab) divulgou o relatório do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) de 2019 (ano agrícola 2018/19). O documento revela que naquele ano a riqueza produzida dentro da porteira somou R\$ 98 bilhões, novo recorde em valores nominais.

O VBP considera tudo aquilo que é produzido dentro da propriedade, somando os preços recebidos pelo produtor rural. “É o somatório da produção da parte animal, vegetal e florestal pelos produtores rurais paranaenses”, analisa Salatiel Turra, chefe do Deral. A evolução de 2018 para 2019 foi de 9% em termos nominais e 3% em termos reais. O percentual também é superior à mé-

dia brasileira, de 2,6% no ano passado, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

A análise tem por base o levantamento realizado em 23 núcleos, com a colaboração de 72 técnicos da Seab distribuídos por todas as regiões do Estado. O exame é minucioso e revela detalhes interessantes. Este ano, o trabalho mostrou que nove municípios ultrapassaram R\$ 1 bilhão de VBP (veja o gráfico na página 10). Em 2018 eram apenas quatro.

O município que registrou o crescimento anual mais expressivo foi Guarapuava, na região Centro-Sul do Estado, com aumento de 31% em relação a 2018, fechando 2019 em R\$ 1,28 bilhão. Ou seja, em torno de R\$ 300 milhões a mais do que o resultado do ano anterior – R\$ 981 milhões. Toledo foi o município com maior VBP em 2019: R\$ 2,21 bilhões.

Na opinião do presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho

Werneck Botelho, os resultados trazidos pelo Deral evidenciam dois aspectos. “O primeiro é a questão do agronegócio em si, que vem sustentando não só o Brasil, como o Paraná e várias cidades do Estado. É um resultado que reflete mais tecnologia e mais informação no campo. O segundo aspecto é que algumas regiões têm crescido em função das agroindústrias, que vêm agregando valor a esta produção”, observa.

Trata-se de um círculo virtuoso, no qual o desenvolvimento na ponta da agropecuária irradia seus efeitos benéficos para os outros elos da cadeia. A eficiência na produção primária permite a instalação e abastecimento das agroindústrias, que por sua vez, empregam, geram divisas para o poder público e mantêm a demanda agropecuária. O ciclo se completa quando o campo consegue reinvestir e melhorar a própria atividade, tornando-se mais produtivo. “O produtor faz a parte dele buscando conhecimento. O sindicato rural faz par-



te disso levando tecnologia e informação para o homem do campo, por meio dos eventos e cursos do SENAR-PR”, destaca Botelho.

Arrecadação

Para o secretário municipal de Agricultura de Guarapuava, Ademir Fabiane, também ajudam a contribuir para os números pujantes do VBP a eficiência da arrecadação municipal. “Ganhamos mais eficiência e contamos com mais comprometimento do próprio agricultor. A secretaria de Agricultura, junto com a Arrecadação Municipal e a secretaria de Finanças, contou a Receita Estadual e conseguimos fazer um trabalho mais apurado e afinado”, revela.

A percepção do secretário atenta para um outro detalhe importante: um VBP maior indica maior arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Parte deste imposto retorna para o interior do Estado

por meio do Fundo de Participação dos Municípios.

Força das carnes

Palotina, no Oeste, também esteve entre as cidades com VBP bilionário em 2019, com o crescimento de mais de R\$ 140 milhões na comparação com o ano anterior, passando de R\$ 908 milhões para R\$ 1,04 bilhão. No caso, o frango de corte respondeu pela maior parte do resultado, com mais de R\$ 422 milhões. O município é endereço da CVale, uma das maiores cooperativas agroindustriais do país, o que explica a vocação pela pecuária.

“Esse resultado só foi possível devido à grande diversificação da nossa produção de proteína animal. No VBP de 2019, R\$ 718 milhões se referem à produção pecuária e R\$ 320 milhões foram grãos”, analisa o vice-presidente do Sindicato Rural de Palotina, Edmilson Zabot.

“Uma agropecuária saudável gera uma economia saudável”

**Salatiel Turra,
chefe do Deral**

Segundo o dirigente, a produção de aves, suínos, peixes e leite vem crescendo com força no município, fruto do trabalho e dedicação dos agropecuaristas. “O grande responsável nesse processo é o produtor rural aliado às cooperativas, como a CVale, que apoia e incentiva investimentos”, afirma Zabot.

Outro expoente no time das bilionárias, Dois Vizinhos, no Sudoeste paranaense, também tem seus números ligados à produção de aves. O VBP do município somou R\$ 1,05 bilhão em 2019, sendo R\$ 305 milhões correspondentes a frango de corte, R\$ 287 milhões a pintinhos e outros R\$ 152 milhões a ovos fecundados (no somatório, 72% do total). Também lá a produção do campo tem destino certo, por meio das agroindústrias, como a BRF.

“Um fator positivo é que o nosso produtor investe, se qualifica. O pessoal está muito tecnificado. Vejo várias granjas com potencial grande de produção. E o melhor é que não sai um pintinho, um ovo, sem nota fiscal. Para a tributação ajuda bastante”, comemora o secretário de Desenvolvimento Rural, Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Dois Vizinhos, Mauri Ferreira dos Santos.

Segundo o chefe do Deral, Salatiel Turra, a proteína animal se sobressaiu em 2019 com participação de 50% na composição do VBP. “Quem sempre se destacava [nos levantamentos anteriores] eram os grãos. Mas nesse ano, grãos, frutas, flores e hortaliças somaram 46% e florestas, 4%. Foi um ano atípico”, analisa. “O câmbio favoreceu esse valor relevante da proteína animal. Outro fator foi a falta de disponibilidade de bovinos para os mercados interno e externo. Com isso, os preços se elevaram, levando os consumidores a buscar outros tipos de proteína”, avalia Turra.

Outro fato que chamou a atenção dos analistas nos resultados de 2019 foi o bom preço obtido pelas *commodities*. “O milho que nunca ultrapassava R\$ 20 chegou a R\$ 40. Naquela safra tivemos a produção de 3,4 milhões de toneladas menor de soja por conta da estiagem. Mas mesmo com redução de produção, o preço compensou”, observa o chefe do Deral.

As nove bilionárias

Veja quais são as cidades que superaram a marca de R\$ 1 bilhão em VBP Agropecuário



Expectativa futura

Para o próximo ano, a expectativa é de outro resultado positivo no campo paranaense. Mesmo diante de uma estiagem prolongada, a produção de soja na safra 2019/20 no Paraná foi superior à anterior. “Além de produção e produtividade boas da soja, o milho safrinha foi bem também. A expectativa para 2020 é ultrapassar R\$ 100 bilhões de VBP. Arrisco dizer até R\$ 110 bilhões”, analisa Turra.

50%

Essa foi a participação das carnes no VBP Ágro de 2019

Aprendendo a gerir riscos

Curso do Sistema FAEP/SENAR-PR leva conhecimento sobre o seguro rural a produtores e sindicatos. Novas turmas para 2021 estão sendo agendadas



Na última semana de outubro e na primeira de novembro, as duas primeiras turmas formadas por produtores rurais e colaboradores dos sindicatos rurais concluíram o curso “Seguro Agrícola para Grãos”, promovido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. A formação, em um formato inédito e gratuito, apresentou, em detalhes, o funcionamento desta importante ferramenta para a gestão de riscos na agropecuária, que pela própria natureza atividade, está muito mais sujeita a sinistros de ordem climática. Além de atentar para a importância do seguro rural na gestão da propriedade, o curso destacou as diversas modalidades de produtos disponíveis no mercado e as características de cada um.

Segundo a técnica do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, Ana Paula Kowalski, que acompanhou a primeira turma, a avaliação foi bastante positiva. “O foco foi seguro agrícola para grãos, que tem mais contratação. Percebi que os participantes tiveram bastante curiosidade sobre os meandros práticos, como calcular indenização, a atuação do perito, entre outras coisas”, avalia.

Os 60 participantes, 30 em cada turma, assistiram às aulas ao vivo por um aplicativo de comunicação à distância. Segundo Ana Paula, além de produtores e funcionários de sindicatos rurais, houve muita demanda de inscrições por parte de corretores e peritos de seguro, que serão atendidos em turmas futuras. “Queremos difundir primeiro para quem tem menos informação e quer conhecer mais sobre o seguro rural”, afirma.

Para a produtora rural e colaboradora do Sindicato de Maringá, Angélica Pelisson, o curso trouxe informações valiosas,

que serão utilizadas tanto nas suas próprias contratações, quanto no atendimento aos associados. “Toda safra temos contratado seguro, pois o risco e o investimento são altos. Aqui no Sindicato também estamos tentando expandir a contratação do seguro”, afirma.

Na opinião da participante, a formação vem em boa hora e ajuda a transformar a cultura em relação ao seguro rural. “Muita gente vê o seguro apenas como mais um custo. Ainda estão despertando para a importância dessa ferramenta. É como um plano de saúde, algo que a gente nunca deseja ter que utilizar, mas tem que fazer”, compara Angélica.

Com seis horas de duração, a capacitação é dividida em três módulos: compreensão do seguro rural no Brasil, diferentes modalidades de seguro disponíveis e apólice e questões referentes à perícia e ao prêmio.

Serviço:

“Curso: Seguro Agrícola para Grãos”

Carga-horária: 6 horas

Modalidade: Online e Gratuito

Público alvo: produtores e sindicatos rurais

Inscrições: sistemafaep.org.br/curso-seguro-agricola/

Mais informações: (41) 2169-7923

Agricultura de detalhes

Cursos do SENAR-PR voltados para os sistemas de precisão proporcionam uma mudança de olhar na produção agrícola paranaense

Por Antonio C. Senkovski

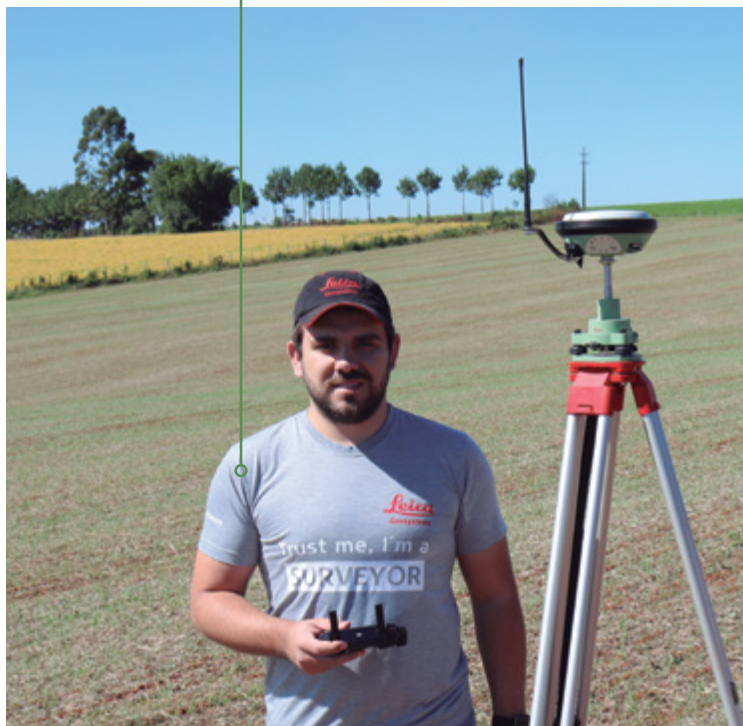
Eduardo Alfredo Passarelo, do município de Imbituva, no Centro-Sul do Paraná, descobriu que precisava promover mudanças quando mergulhou no mundo da Agricultura de Precisão (AP). Engenheiro civil de formação e dono de uma empresa tradicional de topografia, o profissional participou de dois cursos do SENAR-PR – operação de drones e o Programa Empreendedor Rural (PER) – que o fizeram experimentar novas visões sobre a produção agrícola. Depois disso, tornou-se um entusiasta da aplicação das novas tecnologias na lavoura e está colhendo os primeiros frutos na atual safra.

Até o ano passado, a propriedade dos Passarelo (Eduardo é filho do produtor rural e presidente do sindicato rural local, **Antonio Passarelo**) estava na mão de arrendatários. A partir de atividades do PER e do conhecimento obtido em AP, por meio do curso de drones, Eduardo se deu conta de que poderia potencializar os ganhos da família. Então, nesta safra, o profissional assumiu a propriedade de cerca de 90 hectares, onde dedicou 20 ao feijão e 70 a soja, com um novo olhar em relação ao cultivo de lavouras.

“Ao olhar para a lavoura em um plano, no chão, muitas vezes parece que o desenvolvimento está ocorrendo de forma perfeita. Só que na hora que sobrevoa com o drone, as imagens revelam uma mudança completa de perspectiva. É outro nível de detalhamento e possibilidade de análise”, revela Eduardo. As imagens ao lado, tiradas na propriedade dos Passarelo, revela esse diagnóstico.

Com os sobrevoos, o produtor percebe que há manchas nos talhões, o que exige um tratamento diferenciado no preparo do solo nos plantios dos próximos anos. Futuramente, o objetivo é investir em maquinários que possam aplicar insumos em taxas variáveis, de acordo com as necessidades de cada área.

“Nesse momento que estamos retomando a atividade na propriedade, não podemos dar um passo tão grande. Começamos então pelo drone e já foi possível ver as possibilidades que teremos pela frente”, reflete.



Transição

A Agricultura de Precisão envolve uma série de conhecimentos que são reunidos para tornar o cultivo das lavouras mais preciso, inteligente e automatizado, por meio de tecnologias como a captação de imagens com drones, definição da geolocalização detalhada da propriedade (GPS), análise



ATUAÇÃO



de dados por meio de algoritmos (*Big Data*), emprego da Inteligência Artificial (AI) e Internet das Coisas (IoT), entre outras. Maquinários com essas tecnologias embarcadas também são aliados do produtor implanta a AP na sua rotina.

“O momento que nós vivemos no campo, com essa enxurrada constante de inovações, é comparável a outros marcos históricos, como a Revolução Verde e o famoso plantio

direto”, compara Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Nossa vocação, como produtores rurais, é inovar a todo momento. Posso dizer que o Paraná sempre foi uma referência nisso. No que depender do nosso trabalho, vamos seguir caminhando firme nessa direção”, completa.

Segundo a superintendente do SENAR-PR, Débora Grimm, a instituição segue em sintonia com os pedidos dos produtores e trabalhadores rurais, o que se reflete na alta demanda pelos cursos na área de AP nos últimos anos (confira a tabela na página 16).

“Temos um olhar bastante atento para o que tem acontecido no campo em termos de evoluções tecnológicas. Recentemente, com o sucesso das formações nessa área, promovemos o eixo de Agricultura de Precisão à categoria de programa especial, o que dá um fôlego ainda maior para crescermos nessa direção”, projeta.

Primeiro passo

A aplicação de tecnologias no campo está no DNA dos paranaenses desde antes do surgimento da Agricultura de Precisão. Desde 2000, um melhoramento feito com base na tecnologia de zonas de manejo está em andamento na propriedade de 310 hectares de **Roberto Eduardo Nascimento da Cunha**, em Pinhão, na região Centro-Sul do Paraná.

O método, anterior as modernas técnicas de AP, era o que de mais avançado existia na tecnologia agropecuária do início do milênio. O produtor dividiu a propriedade em pedaços de dois hectares, formando um grande mosaico. A cada safra, uma análise de solo aponta características da terra em cada fragmento. Com esse método, o produtor levou cerca de 17 anos para uniformizar a propriedade. Ou seja, está há três anos com o solo em situação de equilíbrio.

Ao mesmo tempo desse trabalho, Cunha se manteve atualizado em relação as novidades do universo agropecuário. Ele já terceirizou, por exemplo, uma aplicação com drones de um produto biológico (ovos de vespa) em uma plantação de milho. “A agricultura pode ser comparada à indústria automobilística, que, todo ano, disponibiliza modelos novos. Se você parar, daqui a pouco vai estar andando com uma F1000 antiquíssima achando que é melhor do que uma Hilux”, brinca.

Justamente por isso que Cunha participou de um curso do SENAR-PR, para aprender a pilotar e gerar dados com o equipamento voador. No momento, apesar de não ter investido na compra de um drone, o produtor considera a formação fundamental para saber contratar e direcionar as consultorias com as quais trabalha. “Se você não faz o curso, não sabe como é a lógica do negócio. Como é que vai comprar um serviço que não sabe como funciona?”, questiona.

Qualificação

Além de formar diretamente produtores rurais paranaenses, os cursos de AP do SENAR-PR também têm ajudado a gerar frutos em diversas empresas do agronegócio estadual. Desde 2004, **Marcos Jantsch** é especialista de drones na empresa Valor Florestal, com sede no Paraná e filiais em Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Bahia e Tocantins. De alguns anos para cá, os drones despertaram o interesse dos diretores da empresa, que criaram um departamento específico para a coleta de imagens e processamento de dados.

“Eu era do setor de infraestrutura, mas trabalhava com geoprocessamento e acabei sendo designado para puxar a criação desse novo setor de drones, no qual trabalho hoje”, conta Jantsch. “O começo de tudo foi o SENAR-PR, que permite aprender a pilotar o drone. Posso dizer que drone foi uma quebra de paradigma na empresa. Quando você começa a olhar sua floresta de cima, passa a ter um ponto focal diferente. Antes, a análise da floresta era no plano, enquanto hoje se apresenta em três dimensões”, compartilha.

Atualmente, na empresa, as imagens aéreas estão incorporadas nos setores de cartografia, silvicultura, colheita,





microplanejamento e planejamento, pesquisa e certificação florestal e infraestrutura, após o processo de maturação do uso da tecnologia.

“O grande desafio do drone é pegar uma imagem e gerar produtos inteligentes voltados a aspectos como qualidade, cartografia e avaliação de planejamento. Fazendo esse exercício, nós conseguimos encontrar usos para drones que jamais podíamos imaginar”, ensina.

Cana-de-açúcar

O técnico agrícola João Paulo da Silva de Oliveira, que trabalha na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, em Nova Londrina, no Noroeste do Paraná, foi aluno do curso na área de AP em cana-de-açúcar. Segundo o profissional, a formação do SENAR-PR deu um novo fôlego à sua carreira. “É comum pensar só nas máquinas e ferramentas quando se fala de Agricultura de Precisão, mas vai muito além. Passei a olhar para a minha atividade com outros olhos depois do pelo curso”, compartilha Oliveira.



SENAR-PR patrocina AgroBIT

O SENAR-PR patrocina, em 2020, um dos maiores eventos em inovações tecnológicas destinados ao agronegócio: o AgroBIT. Tradicionalmente, o evento acontecia em Londrina, no Norte do Paraná, e reunia milhares de pessoas. Neste ano, na sua terceira edição, o AgroBIT será no formato totalmente digital nos dias 10 e 11 de novembro, com a participação de pessoas de diversos países, entre representantes de *startups*, lideranças dos setores público e privado, estudantes e especialistas em temas relacionados à inovação agro.

O SENAR-PR vai ser um dos expositores do evento. A entidade terá um espaço na plataforma digital do evento. Desta forma, participantes poderão conhecer os principais títulos dos cursos do SENAR-PR na área de Agricultura de Precisão, além de outras informações importantes aos produtores rurais paranaenses.

Para saber mais sobre o AgroBIT, basta acessar o site agrobital.com.br.



No SENAR-PR, AP é alçado à Programa Especial

A Agricultura de Precisão sempre foi um tema importante para o SENAR-PR. Agora, ainda mais, pois o eixo foi alçado à categoria de Programa Especial, ao lado de iniciativas consagradas como os programas Agrinho, Empreendedor Rural e Mulher Atual.

“Nesse momento, estamos trazendo novos títulos e incrementando esse pacote de formações, de modo a agregar temas, dar visibilidade e fomentar o uso de Agricultura de Precisão de forma mais ampla no campo paranaense”, explica o gerente do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR, Arthur Piazza Bergamini.

Para conhecer todos os cursos do SENAR-PR na área de Agricultura de Precisão, basta acessar o site www.sistemafeap.org.br, e clicar na seção Cursos.

Upgrade na educação e nos negócios

O interesse pela formação do SENAR-PR na área de drones também tem levado benefícios para a sala de aula. No Colégio Agrícola da Lapa, os alunos tinham um drone disponível para as atividades estudantis, mas ninguém sabia como mexer com o equipamento.

“Depois do curso começamos a utilizar o drone nas matérias do colégio e multiplicando o conhecimento em várias áreas. Eu também faço serviços de topografia, em consultorias, e depois do curso resolvi comprar um drone e disponibilizar mais esse serviço aos meus clientes”, revela o professor Daniel Silva.

Formado em engenharia agrônômica, Silva aponta o drone como uma tecnologia barata, considerando o potencial que representa. “Eu trabalho bastante com projetos de irrigação. Com o drone temos precisão para saber quantos metros a bomba vai estar de distância do aspersor, por exemplo. Também já fiz trabalhos em manejo de solo para verificação se área é propícia à agricultura. Os usos são infinitos”, garante.



Professor Daniel Silva participou de turma-piloto na Lapa...



...agora leva o conhecimento para seus alunos do colégio agrícola

Cursos de AP no SENAR-PR	Turmas	Concluintes
Agricultura de Precisão – preparo, manejo, plantio e colheita de cana-de-açúcar	72	1.122
Agricultura de Precisão – introdução	193	2.200
Operação de drones	224	1.653
Agricultura de Precisão – GPS	80	878
Total Geral	569	5.853

Outros cursos do SENAR-PR que tratam de AP dentro dos conteúdos

- Tratorista Agrícola
- Trabalhador volante da agricultura

Fonte: SENAR-PR



Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná / **CONSECANA-PR**

RESOLUÇÃO Nº 08 - SAFRA 2020/2021

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 29 de outubro de 2020 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam a projeção do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2020/2021, que passam a vigorar a partir de 01 de novembro de 2020.

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2020/21 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	1,22%	61,36
AME	45,68%	62,81
EAC - ME	0,46%	1.892,20
EAC - MI	23,04%	2.013,03
EA - of	0,04%	1.993,26
EHC - ME	1,16%	1.874,16
EHC - MI	25,94%	1.726,05
EH - of	2,44%	1.697,57

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 23,55% 2.010,62
EHC - ME + MI + of 29,55% 1.729,53

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	1,22%	0,6957
AME	45,68%	0,7151
EAC - ME	0,46%	0,6657
EAC - MI	23,04%	0,7082
EA - of	0,04%	0,7013
EHC - ME	1,16%	0,6881
EHC - MI	25,94%	0,6338
EH - of	2,44%	0,6233
Média		0,6894

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 23,55% 0,7074
EHC - ME + MI + of 29,55% 0,6350

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	75,28	84,08
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	75,28	84,08

Maringá, 29 de outubro de 2020

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Presidente

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Vice-presidente

Cursos presenciais do SENAR-PR seguem protocolos de segurança

Participantes estão recebendo kits com máscaras e álcool em gel, enquanto aulas acontecem com distanciamento social e redução do número de alunos



Além de adotarem cuidados, como uso de máscaras, alunos mantêm distanciamento durante as aulas

No dia 13 de outubro, o SENAR-PR retomou mais de 150 capacitações do catálogo de cursos (confira a lista no site www.sistemafaep.org.br) em diversos municípios do Paraná, cumprindo todos os protocolos de segurança em função da pandemia do novo coronavírus. O retorno das aulas presenciais atende às determinações dos decretos locais, que permitem a realização de acordo com as orientações dos órgãos de saúde.

Para a retomada dos cursos, que ficaram suspensos por quase seis meses, o SENAR-PR elaborou um documento estabelecendo uma série de medidas de segurança como uso obrigatório de máscara, álcool em gel, distanciamento social em sala de aula e redução do número de participantes por turma. Inclusive, a entidade está enviando, junto com o ma-

terial didático, kits individuais de segurança com máscaras e álcool em gel.

Além disso, no início de cada curso, os protocolos são apresentados pelo instrutor responsável e reforçados durante as aulas. Tudo isso para garantir a segurança dos produtores e trabalhadores rurais.

“Todos os cursos presenciais estão seguindo as orientações dos órgãos de saúde, fundamentais para garantir a segurança dos produtores, trabalhadores rurais, familiares e instrutores. Além disso, o SENAR-PR reformulou os planos de aulas e promoveu a atualização dos instrutores para se adequar às exigências e manter a qualidade das capacitações para a profissionalização do campo, que é o nosso principal objetivo enquanto instituição de ensino”, destaca a superintendente do SENAR-PR, Débora Grimm.



Alunos vão a campo mantendo cuidados em razão da pandemia



Em todos os cursos, são distribuídos kits com álcool em gel

Adaptações

Em Guarapuava, na região Centro-Sul do Estado, as capacitações em formato presencial foram retomadas, já no dia 13 de outubro, com três turmas do curso “Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas – NR 31.12”, em parceria com uma empresa de beneficiamento de batatas. Além destes, outras capacitações foram realizadas, nas áreas de operação de drones, morangueiro e pastagens. Segundo a mobilizadora do sindicato rural local, Mery Ribas, a retomada dos cursos presenciais atende à demanda dos produtores rurais, uma vez que, antes da pandemia, era constante o fluxo de treinamentos e capacitações.

“Sempre tivemos uma procura muito boa dos cursos, a ponto de fecharmos várias turmas. Agora, com a retomada

das aulas presenciais, acredito que todos já estão acostumados com os novos hábitos de segurança. Então, tudo tem corrido muito bem. Os participantes estão seguindo as orientações corretamente, evitam contatos desnecessários”, afirma Mery.

Uma das mudanças estabelecidas para as aulas presenciais foi a adaptação de dinâmicas e trabalhos em grupo para outros formatos de atividades, para respeitar o distanciamento social. Com a redução do número de alunos por turma, os sindicatos também contam com lista de espera.

Em Rio Negro, na região Sudeste, as aulas presenciais também foram retomadas, contabilizando mais de seis turmas, incluindo cursos de prevenção e combate a incêndios florestais, NR 31 (Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura) e informática. De acordo com a mobilizadora do sindicato rural do município, Anna Danielle Lazzari, o local das aulas é aberto e ventilado, seguindo todos os protocolos de segurança, com mesas distanciadas.

“Os alunos estão vindo e participando com o mesmo engajamento, respeitando todas as orientações. Não temos nenhum tipo de relutância em relação a isso”, aponta Anna Danielle. “O pessoal estava sentindo falta [dos cursos do SENAR-PR], tanto as empresas que precisam por causa de certificações, como o pessoal da comunidade. A NR 31, por exemplo, é uma exigência. Já o curso de informática, tem muita procura pela questão da nova Nota Fiscal Eletrônica, para poder se familiarizar”, complementa.

Da mesma forma que Guarapuava, o Sindicato Rural de Rio Negro reforça que os interessados mantenham o compromisso de participar das capacitações após confirmarem presença. Dessa forma, a lista de espera não fica sobrecarregada e mais pessoas podem realizar os cursos, seguindo todas as regras de segurança.

“Nós precisamos continuar levando informação e conhecimento para o homem do campo. Os cursos presenciais do SENAR-PR são de fundamental importância nesse sentido, claro, seguindo todas as regras e protocolos sanitários, algo com que estamos sempre nos preocupando e fornecendo as orientações necessárias”, afirma o presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho Botelho.

Serviço

Os produtores e trabalhadores podem manifestar interesse em participar das capacitações do SENAR-PR que retornaram no modo presencial cadastrando os dados no botão “Avise-me quando disponível” na página de cursos da entidade (www.sistемаfaep.org.br/senarpr/cursos/) ou procurar o sindicato rural mais próximo.

Por medida de segurança, alguns dos cursos do catálogo do SENAR-PR ainda não retornaram ao formato presencial. As capacitações nos dois Centros de Treinamentos Agropecuários (CTAs) do SENAR-PR, em Iporã (região Norte) e Assis Chateaubriand (região Oeste) também não serão retomadas neste primeiro momento.

AS TERRÍVEIS MEMÓRIAS DO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA

Instituição psiquiátrica de Minas Gerais mantinha seus pacientes sob condições desumanas e torturas diárias, causando a morte de milhares

“O Hospício de Barbacena é um imenso pátio dos milagres, onde se misturam loucos, doentes e alcoólatras de todas as idades. Mais de 2,6 mil mulheres amontoam-se nos pavilhões dessa ‘casa dos horrores’. O Brasil está imitando os campos de concentração nazistas”. Esse é o trecho que acompanha as fotos principais que ilustram a reportagem “A sucursal do inferno”, sob autoria do fotógrafo Luiz Alfredo e do repórter José Franco, publicada na revista O Cruzeiro, em 1961. Pela primeira vez, revelavam-se os horrores escondidos entre os muros do Hospital Colônia de Barbacena, complexo psiquiátrico que funcionou por 116 anos no interior de Minas Gerais.

Mesmo com as atrocidades expostas nas páginas da revista, o tratamento cruel e as mortes continuaram a acontecer sem que alguma medida efetiva fosse tomada. Dentre todas as violências praticadas, a



omissão permitiu que, pelo menos, 60 mil pessoas tenham morrido no Colônia. Foi, assim, de forma silenciosa, que o Hospital Colônia de Barbacena abrigou um dos maiores genocídios da história do Brasil.

As condições de vida dentro da instituição eram desumanas. Os pacientes eram forçados a trabalhar manualmente, dormiam sobre capim e, frequentemente, sofriam torturas física e psicológica e violência sexual. Métodos como terapia de choque, camisa de força e ducha escoçada eram aplicados como forma de castigo, retaliação ou mesmo sem motivo algum, devido à perseguição por falta de afinidade entre pacientes e funcionários. Às vezes, os eletrochoques chegavam a sobrecarregar e derrubar a rede do município.

Além das punições, os pacientes viviam em situações precárias, nus em meio ao lixo, ratos, baratas e excrementos humanos. Frio, fome e sede também eram

comuns. Muitas pessoas tinham suas roupas molhadas e eram colocadas no pátio. Na tentativa de sobrevivência, dormiam amontoados para suportar o frio. Muitas vezes, os que ficavam na parte de baixo morriam sufocados. Quando tinha água, era do esgoto. Quando não, chegavam a beber a própria urina.

A superlotação do complexo hospitalar, que ficou conhecido pejorativamente como “cidade dos loucos”, era mais uma contribuição para o cenário brutal ali instalado. A instituição foi fundada em 1903 com capacidade para 200 leitos, mas, estimativas apontam que cerca de 5 mil pacientes estavam internados na década de 1950. Eles chegavam pelas diversas linhas ferroviárias da época, em vagões de carga abarrotados, conhecidos como “trem de loucos”.

Inicialmente, o foco da instituição era o tratamento de tuberculose, o que explica

a localização afastada. Mas, na realidade, tornou-se o local perfeito para excluir os grupos marginalizados. Estima-se que cerca de 70% dos pacientes do Colônia não tinham diagnóstico de qualquer tipo de transtorno psicológico. Dentre as pessoas mandadas para o hospital estavam alcoólatras, andarilhos, amantes, opositores políticos, crianças indesejadas, epiléticos, prostitutas, homossexuais, vítimas de estupro, entre outros. Para tornar-se um paciente do Colônia, bastava não se enquadrar nos padrões normativos da sociedade.

As décadas de 60 e 70 foram o período em que houve o maior número de mortes na instituição – 16 pessoas por dia, em média. O sistema também encontrou formas de lucrar com a violência e a barbárie: os cadáveres eram vendidos para diversas universidades do país para serem usados nos laboratórios de anatomia. Quando a procura era baixa e o excesso de corpos começava a tomar conta do Colônia, os corpos eram decompostos em ácido.

Em 1979, durante uma visita, o psiquiatra italiano Franco Basaglia comparou o Hospital Colônia a um campo de concentração nazista – analogia que foi divulgada pelos meios de comunicação que ousaram denunciar a instituição. O termo “holocausto brasileiro”, inclusive, virou título do livro-reportagem lançado em 2013 pela jornalista Daniela Arbex. Na obra, ela resgata do esquecimento histórias de pessoas que passaram pelo Colônia e traz relatos de sobreviventes.

Na década de 1980, o Hospital Colônia de Barbacena foi fechado progressivamente e, por fim, transformado no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), onde os sobreviventes continuaram sendo abrigados, pela falta de vínculo familiar ou sem ter para onde ir. Dados de 2017 apontam que 149 pacientes seguem internados no CHPB. Destes, muitos são considerados aptos para serem reintegrados à sociedade, mas faltam recursos para que sejam transferidos para as casas do município destinadas à moradia de ex-internos.

Ainda, em 1996, parte da antiga Colônia foi transformada em museu. No local, encontram-se documentos, fotos e objetos da época que sensibilizam os visitantes e trazem à tona memórias impossíveis de serem esquecidas.





Bons ventos para grãos, alerta para carnes

Preços da soja e do milho atingem patamares históricos e pressionam custos de produção das cadeias de proteína animal

Felippe Aníbal

A demanda internacional e o câmbio sopram ventos favoráveis para a produção de grãos de uma forma nunca vista no agronegócio brasileiro. De fevereiro para cá, o preço da soja praticamente dobrou, chegando a R\$ 157 a saca no Paraná. No caso do milho, o aumento foi de 50% em apenas quatro meses. Em ambos os casos, as cotações chegaram a recordes com perspectivas de entrarem em 2021 em alta. Se esse cenário soa como brisa aos produtores

de grãos, para as cadeias de proteína animal – que têm a soja e o milho como importantes insumos – essas perspectivas caem como um vendaval, que traz apreensão e um alerta.

O bom momento dos grãos é tão significativo que especialistas enfatizam: tudo que o agricultor brasileiro produzir terá comercialização certa e com bons preços, graças ao apetite internacional. Neste contexto, destaque para a China, que avançou sobre os produtos

do agronegócio produzidos no Brasil e no Paraná. De janeiro a setembro deste ano, as exportações paranaenses do complexo soja aumentaram 74%, em volume, chegando a 9,3 milhões de toneladas e arrecadando US\$ 3,2 bilhões. Os chineses abocanham, hoje, metade da oleaginosa e seus derivados produzidos no Estado.

Por outro lado, a safra atual deve ser acompanhada pelo fenômeno climático *La Niña* – que traz estiagem e chuvas



irregulares, principalmente no período de desenvolvimento da lavoura. Essa condição pode implicar em quebra de produção, principalmente em Estados da região Sul. Essas incertezas e o risco de se ter menos grãos disponíveis já afetaram o humor do mercado, fazendo com que os contratos futuros de soja sejam negociados em patamares altos na Bolsa de Chicago (CBOT). Tudo isso leva os especialistas a vislumbrarem que os grãos vão entrar em 2021 com preços tão ou mais aquecidos que os atuais.

“A Bolsa de Chicago está bem preocupada com o plantio no Brasil e na Argentina, importantes produtores de grãos. O clima é de preços em alta até por ter essa perspectiva pessimista para a safra em âmbito global”, diz Ana Paula Kowalski, técnica do Departamento Técnico Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Há quem diga que a saca vai chegar a R\$ 200. Eu acho um cenário exagerado. Mas se mantiver os preços de agora, isso já representa o dobro do que a gente tinha no ano passado”, acrescenta.

Além da relação oferta/demanda, a força do dólar também favorece o vento positivo para os grãos. O Boletim Focus, do Banco Central, estima que a moeda americana entre em 2021 cotada entre R\$ 5,10 e R\$ 5,28. É um nível menor do que temos hoje, mas ainda um patamar elevado e positivo para o produtor brasileiro – que ganha na conversão do dólar para o real. Ou seja, tem tudo para o agronegócio nacional continue mirando o mercado externo.

“Em uma economia de livre mercado, o que rege é a relação entre a oferta e a demanda. O vendedor, que é a agroindústria, vai ficar de olho em quem paga melhor. E o mercado externo está pagando muito bem”, observa Luiz Eliezer Ferreira, técnico do DTE. “Além disso, provavelmente teremos, mais uma vez, a China indo forte às compras, provocando um choque de demanda. E os compradores externos estão desesperados atrás de grãos. A procura mundial por grãos é enorme, o que joga os preços lá em cima”, ressalta.

Até em razão dessa demanda internacional, já há relatos de escassez de grãos em algumas regiões do Paraná e, por conseguinte, de preços pressionados. O presidente da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP, Remy Gerardi, diz que, mesmo com a saca 100% mais cara em relação ao ano passado, o produtor independente tem encontrado dificuldade para encontrar o produto, base da alimentação do plantel. “O preço do milho está uma loucura. Com a soja, é a mesma coisa. Apesar disso, em muitos armazéns, já não se acha o milho ou o farelo de soja”, diz.

Vendaval

Essas perspectivas de que a soja e o milho continuem com os preços nas alturas provocam um vendaval turbulento às cadeias de proteínas animais. Isso porque os grãos têm um peso decisivo na produção da pecuária. Segundo a Embrapa, a nutrição corresponde a 78% dos custos na suinocultura e a 72%, na avicultura. Na bovinocultura, o impacto é menor, mas também significativo: corresponde a um terço dos custos totais nas principais praças, de acordo com o projeto Campo Futuro – realizado pela

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com a FAEP.

Os ventos só não provocaram estragos nessas cadeias produtivas, porque as carnes também se beneficiam de uma conjuntura internacional favorável. Neste ano, por exemplo, a voracidade da China também se voltou às proteínas animais. De janeiro a setembro, o volume das exportações paranaenses de produtos do complexo carnes para os chineses aumentou 35%, totalizando 236 mil toneladas e US\$ 479 milhões.

No mercado interno, os preços das proteínas animais também se mantiveram aquecidos. Desde janeiro, a arroba do boi e o quilo do frango congelado subiram 44% e 27% respectivamente, segundo o Centro de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Cepea) da Universidade de São Paulo (USP). No caso do suíno vivo, a alta foi ainda maior: 77,6%. O mercado de lácteos no Paraná também vive um bom momento, com o preço de referência do leite chegando em setembro ao maior patamar da história. Em síntese, essa valorização generalizada compensou o que os pecuaristas e/ou empresas – no caso dos produtores integrados – desembolsaram a mais para cobrir os custos de produção.

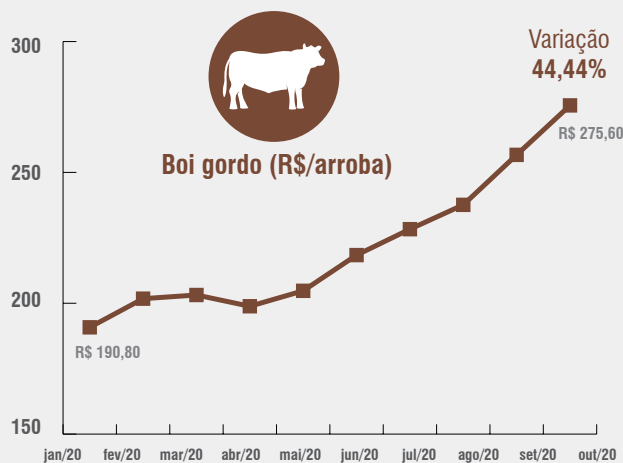
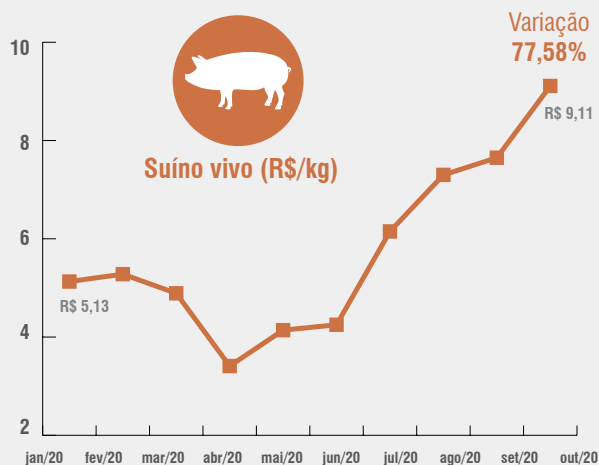
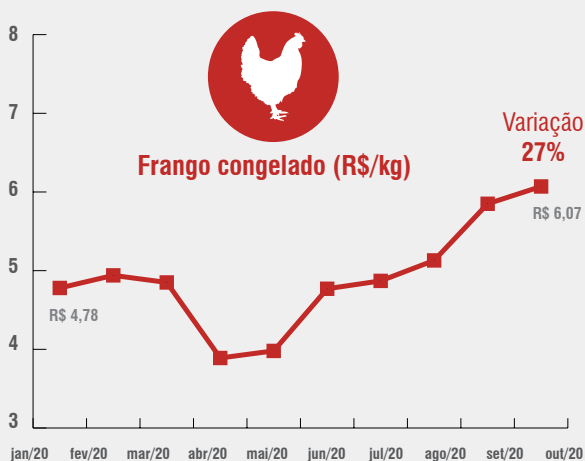
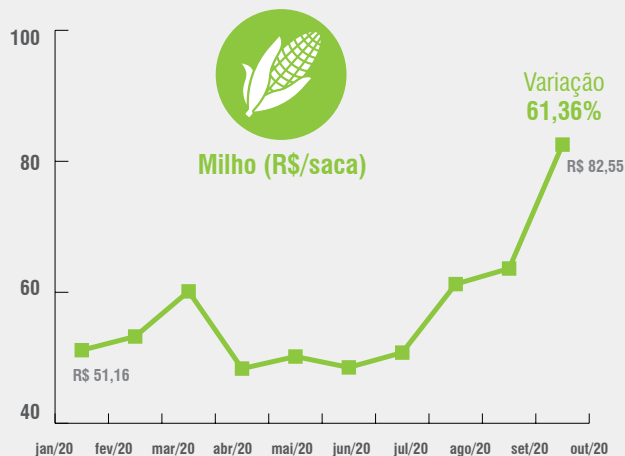
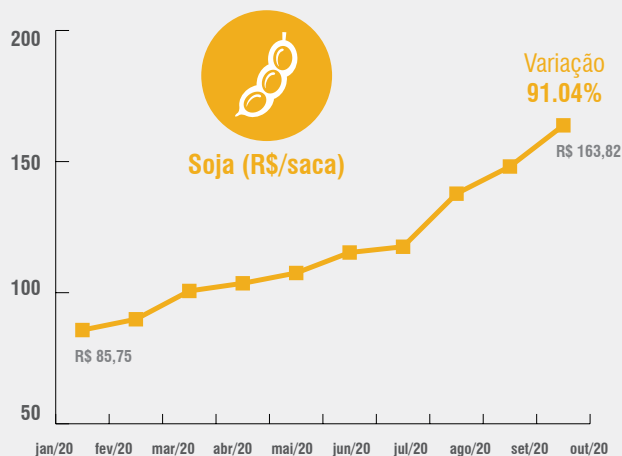
O xis da questão é: com os grãos em alta, até quando o mercado vai ter fôlego para sustentar também os preços das proteínas animais? Para os especialistas, essa é uma pergunta difícil de ser respondida. Mas o momento é de cautela e de ficar de olho nos desdobramentos, como o poder de consumo do mercado interno.

“Nós não temos dimensão de até quando isso vai se sustentar. Não conseguimos saber até que ponto o pecuarista vai conseguir cobrir seus custos de produção com as receitas. Vai depender muito da força do mercado consumidor, que ainda está em um horizonte de pandemia”, analisa Ferreira.

“Temos que ver os efeitos do novo valor do auxílio emergencial do governo federal. Depende muito de como vão ser os ajustes de demanda interna. O cenário ainda é muito incerto. Não dá para prever se o consumo interno vai se manter no nível que tivemos até agora”, observa Ana Paula.

Preços em alta

As cotações dos grãos dispararam neste ano, aumentando o custo de produção das proteínas animais



“Nós não temos dimensão de até quando isso vai se sustentar. (...) Vai depender muito da força do mercado consumidor”

Luiz Eliezer Ferreira,
técnico do DTE

Fonte: Cepea



Avicultura: indústria absorve custos, mas pode reduzir alojamentos

Na avicultura – que opera em regime de integração, no Paraná –, as agroindústrias têm absorvido o aumento dos custos de produção. Presidente da Comissão de Avicultura da FAEP, Carlos Bonfim aponta, no entanto, que os avicultores paranaenses têm acompanhado com apreensão as altas contínuas nos preços da soja e do milho. A preocupação é de que, no médio prazo, as empresas venham a reduzir a escala de produção, o que implicaria na perda de ganho por parte do produtor.

“No sistema integrado, a empresa não repassa essa alta dos custos. O produtor não sente a volatilidade, mas a gente vê com preocupação, com medo do que possa acontecer logo ali na frente. A gente não sabe quanto tempo essas empresas aguentam”, aponta Bonfim.

Ao analisar os elementos dispostos, hoje, no tabuleiro, a técnica Mariana Assolari, do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR, que acompanha a cadeia da avicultura, aponta que as perspectivas de tendência de alta dos preços dos grãos já afetaram o setor, com tendência de que, a partir do ano que vem, as agroindústrias comecem a reduzir o alojamento de aves, de olho no comportamento do mercado.

“A avicultura é um setor muito ajustado. As empresas alojam de acordo com as projeções de demanda”, diz Mariana. “Quando há uma alteração em grãos, há um impacto direto em todas as cadeias produtoras de carne. No caso de frangos, isso é muito evidente”, completa.

Em recente entrevista ao jornal *Valor Econômico*, o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin, confirmou que deve haver um ajuste, com a redução

de alojamento. O dirigente calcula que pode, com um eventual corte na produção entre 5% e 10%, a demanda interna por grãos diminuiria em 1,4 milhão de toneladas até a metade de 2021.

Mudança na ração

Na região de Cianorte, no Noroeste do Paraná, produtores relatam um fator que pode estar relacionado à alta dos grãos. Segundo os avicultores, a qualidade da ração fornecida pela agroindústria piorou nos últimos meses. Como resultado disso, os animais têm custado a ganhar peso. A meta é de que os pintainhos cheguem ao sétimo dia de vida pesando entre 185 e 200 gramas. Entretanto, em sete dias, as aves têm chegado, em média, a 140 gramas (25% menos), de acordo com relatos compilados pela Comissão para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadec) local, afetando os rendimentos dos avicultores.

“O avicultor precisa de condições para atingir as metas definidas pela integradora. E esse peso é definido com base em ração de boa qualidade. Se a indústria não colocar uma ração de boa qualidade, o animal não vai responder de acordo”, ressalta o presidente da Cadec de Cianorte, Diener Santana. “Em regiões vizinhas, temos relatos de que o resultado pago já tem diminuído”, acrescenta. Ele também aponta que o índice de mortalidade dos animais aumentou consideravelmente.

Mariana Assolari destaca que a Lei de Integração prevê que o produtor – representado pela Cadec – acompanhe e valide a qualidade dos insumos – entre eles, a ração – fornecidos pelas agroindústrias, mas que ainda não foram criados mecanismos para que isso aconteça na prática. “O produtor não está envolvido neste processo, mas, em razão dos custos, é provável que a indústria tenha alterado a composição da ração, não só quantidade e qualidade dos grãos na formulação, mas também o premix, muitas vezes composto por ingredientes importados. O que as empresas tendem a fazer daqui para a frente é procurar um ponto de equilíbrio”, avalia.

Suinocultura: da euforia à preocupação

A partir de maio, o preço dos produtos da suinocultura disparou, animando os produtores paranaenses. Em outubro, o quilo do suíno vivo chegou a R\$ 8,24: crescimento de mais de 100% em cinco meses. Por um lado, essa decolagem compensou a escalada dos preços de grãos. Por outro, a escassez de soja e de milho passou a dar dor de cabeça ao suinocultor, principalmente o independente – categoria em que se enquadram 40% dos produtores de suínos no Paraná.

“Os valores chegaram a preços que colocam o produtor em uma era que ele nunca viveu. Mas a euforia já passou e hoje os suinocultores estão mais preocupados, principalmente porque não se encontra grãos disponíveis e por conta da incerteza se a demanda vai segurar os preços do suíno em alta”, diz a técnica do Detec do Sistema FAEP/SENAR-PR, Nicolle Wilsek, que acompanha a cadeia da suinocultura.

Nicolle tem orientado os pecuaristas a buscarem alternativas, como trigoilhão, triticale centeio e sorgo, fato que vai ao encontro de uma pesquisa da Embrapa, que aponta que alguns grãos podem substituir o milho e o farelo de soja na alimentação de suínos e frangos, desde que sejam feitos ajustes nos níveis de aminoácidos, de acordo com a fase de cada animal. Entre essas opções, a Embrapa destaca o triticale e a cevada.

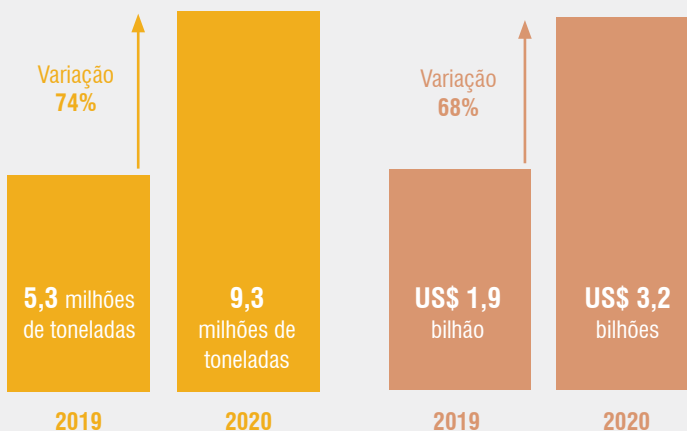
“O entrave é que não temos cultura de plantar esses grãos em grande escala. Mas o produtor que tiver essas opções, pode usá-los como alternativa”, ressalta Nicolle.

Paralelamente, os produtores estão de olho na indústria, na expectativa de que não haja ajustes na escala de produção. “A indústria não iniciou isso ainda. A gente não sabe se vai acontecer ou não, mas por enquanto não há indicativo”, aponta a técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR.

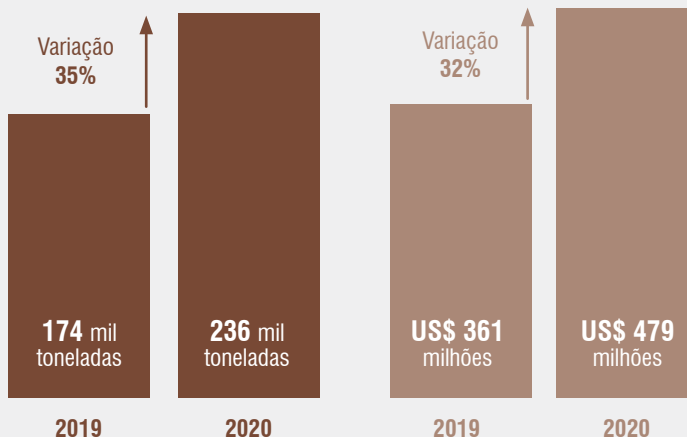
O apetite chinês

Veja o quanto a China ampliou suas compras de produtos paranaenses entre janeiro e setembro deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado

Complexo soja



Complexo carnes



Fonte: Agrostat





Preço dos grãos mexe na dinâmica da bovinocultura

Em termos de preço, a bovinocultura de corte também vive um bom momento. Segundo o indicador Cepea, a arroba chegou ao fim de outubro a R\$ 270. Técnico do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR, Guilherme Souza Dias avalia que a falta de grãos e os preços pressionados já afetam diretamente a atividade, principalmente porque esses fatores exercem um peso maior sobre o confinamento. Tudo isso muda a dinâmica da porteira para dentro.

“Os grãos em alta refletem sobre a diária de confinamento, que passa a ficar mais cara. A tendência é de que o produtor deixe de confinar. Isso vai gerar, como resultado, animais mais tardios”, resume. “Ou seja, esses elementos vão alterar a estratégia do pecuarista, com impactos na receita e no tempo de abate”, acrescenta.

No caso do setor de lácteos, os reflexos também são imediatos. O bovinocultor de leite investe, em média, um quilo de ração para produzir três litros do produto. Ou seja, a relação com os grãos é direta, o que fez com que os custos de produção do setor, em setembro, estivessem 65% acima dos níveis históricos, segundo o Cepea. Os preços dos lácteos no Paraná vinham acompanhando esse movimento até setembro, mas em outubro houve um recuo, o que pode sinalizar que o mercado consumidor não tenha tanto fôlego para bancar as altas sucessivas.

“A tendência é que os grãos continuem pressionando ainda mais os custos de produção da cadeia. E na bovinocultura de leite, a ração é um fator determinante. Se o pecuarista dá menos ração, ele vai ter não só um prejuízo na produção, como vai provocar um impacto na vida produtiva da vaca, que não tem mais volta. O animal não volta a produzir no patamar anterior”, aponta Souza Dias. “Os preços dos grãos estão, na verdade, consumindo o que seriam os ganhos dos pecuaristas”, acrescenta.

Memória do Campo



Pacto pela sanidade

A consolidação de um sistema de sanidade agropecuária não é algo que se dá do dia para a noite, mas após décadas de trabalho ininterrupto. Há 13 anos, em 2007, o tema voltou a ser destaque do Boletim Informativo. Na ocasião, o Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Paraná (Fundepac) promoveu um evento em Curitiba, em que representantes dos setores público e produtivo firmaram um pacto para avançar em políticas sanitárias.

O encontro reuniu líderes importantes. Pelo setor produtivo, participaram o presidente da FAEP, Ágide Meneguette; o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski; e o diretor-executivo do Fundepac, Antônio Leonel Poloni. Pelo setor público, participaram o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes; o secretário nacional de Defesa Agropecuária, Inácio Kroetz; e o secretário de Agricultura do Paraná, Valter Bianchini.

À época, o Paraná reivindicava a reconquista do *status* de área livre de febre aftosa com vacinação. Hoje, o nosso sistema sanitário é reconhecido como um dos mais robustos do país — resultado de um trabalho que começou na década de 1970. O Estado está no fim do processo para obter o reconhecimento internacional como área livre de febre aftosa sem vacinação, o que deve ocorrer em maio de 2021, em assembleia-geral da Organização Internacional de Saúde Animal (OIE). O novo *status* sanitário deve alavancar negócios e abrir novos mercados internacionais aos produtos agropecuários do Paraná.

Setembro Amarelo & Outubro Rosa & Novembro Azul



TEMPO DE CUIDAR DO CORPO E DA MENTE

Todo ano, o Sistema FAEP/SENAR-PR se mobiliza a partir de campanhas que ressaltam a importância de cuidados com a saúde, como o “Outubro Rosa” (prevenção do câncer de mama e de colo de útero) e o “Novembro Azul” (prevenção a doenças masculinas). Agora, o “Setembro Amarelo” (prevenção ao suicídio) também faz parte dessa causa. Veja fotos de colaboradores de sindicatos rurais do Paraná que estão nessa:

Outras fotos dos colaboradores das entidades sindicais rurais serão publicadas nas próximas edições do Boletim Informativo do Sistema FAEP/SENAR-PR.





Sindicato Rural de Cidade Gaúcha



Sindicato Rural de Faxinal



Sindicato Rural de Imbituva



Sindicato Rural de Medianeira



Sindicato Rural de Ponta Grossa



Sindicato Rural de Prudentópolis



Sindicato Rural de Rolândia



Sindicato Rural de São José da Boa Vista

“Na fazenda, pessoas são mais importantes do que as vacas”

Lorildo Aldo Stock, da Embrapa Gado de Leite, conhece como poucos as produções nacional e mundial de leite. Esse conhecimento permitiu traçar perspectivas para o setor pós-pandemia do novo coronavírus

Um amante dos lácteos em tempo integral, Lorildo Aldo Stock é um sujeito requisitado no Brasil e no mundo. Há mais de 30 anos, compõe o time de colaboradores da Embrapa Gado de Leite (principal referência da pesquisa em lácteos do Brasil), com sede em Juiz de Fora, em Minas Gerais. Com o passar do tempo, na sua rotina, estreitou contatos com estudiosos dos principais países produtores de leite, como Nova Zelândia, Alemanha e Estados Unidos. Nessa entrevista, ele compartilha dados que permitiram a produção de um mapa do leite pós-pandemia da Covid-19, com avaliações e pontos que você confere nas próximas páginas.

BI - Como começou a sua ligação com a pecuária de leite?

Lorildo Aldo Stock - Em 1990, fiz concurso na Embrapa e desde então estou sediado em Juiz de Fora, Minas Gerais. Em 1996, fui fazer doutorado em Oklahoma, nos Estados Unidos, e lá pude elaborar uma espécie de “minicenso” da atividade leiteira no Brasil. Trabalhei com 1 mil fazendas, de 10 Estados, e procurei ver o que faz uma fazenda eficiente de produção de leite. Me rendeu a tese de pós-doutorado.

Que portas esse contato com pesquisadores do exterior abriu?

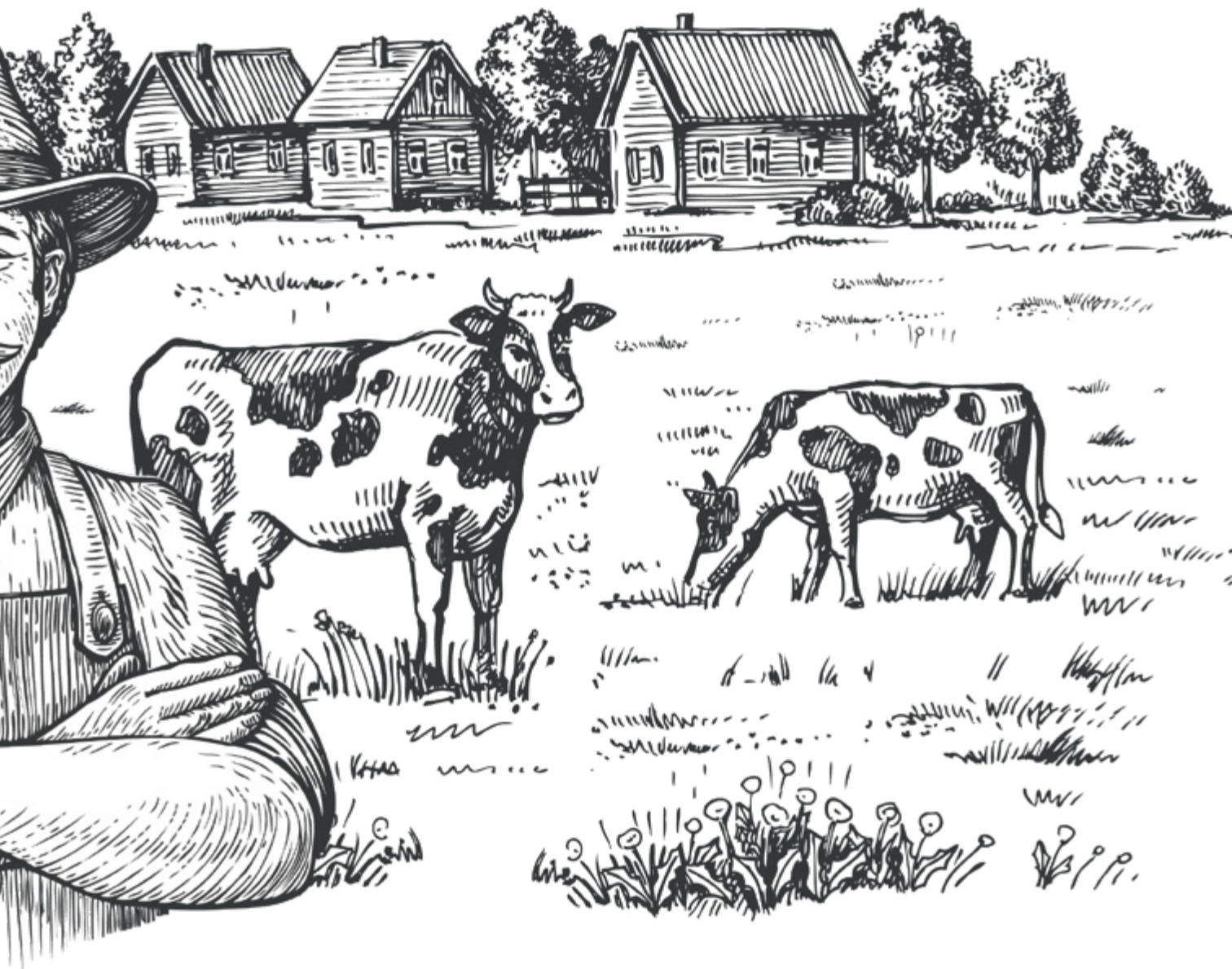
Com o contato com pesquisadores internacionais, quando voltei ao Brasil, em 2000, entrei numa rede internacional de comparação de fazendas, que hoje é o IFCN. Trata-se de uma rede mundial que começou como comparação de fazendas típicas. Hoje estou completando 20 anos na rede. Colaboramos bastante com a rede mundial, porque desenvolvi um sistema de planilhas, que compara sistemas típicos do Brasil.

Uma das dificuldades, atualmente, é que o Brasil não é membro (categoria plena) porque o país não paga uma anuidade do IFCN. Atualmente, juntamente com a equipe de socioeconômica do leite da Embrapa Gado, estamos montando as bases de um projeto, nas bases de um consórcio de empresas e entidades do setor, com o objetivo de viabilizar a participação do Brasil como membro efetivo, pagante, do IFCN. Estamos otimistas de que vamos conseguir. É uma questão de tempo.



Como você avalia a evolução dos lácteos brasileiros nessas três décadas nas quais teve contato direto com o setor?

Hoje, no Brasil, a estrutura produtiva mudou bastante. Houve uma melhoria significativa do rebanho, com Paraná e São Paulo, principalmente, puxando o setor para sistemas de alta produtividade. Hoje, o número de fazendas leiteiras, pelos meus cálculos, está em torno de 1 milhão no país. Mas quem de fato produz 80% do leite são 200 mil, digamos mais tecnificadas. O restante é subsistência. A questão da qualidade está vindo bastante forte. O produtor, por sua vez, mudou muito, tem caminhado para ser, antes de tudo, um empreendedor.



Hoje, a disponibilidade de dados na internet é grande, mas difícil de transformar em informação de qualidade. Como você enfrenta esse desafio?

Oriento muitos alunos, participo de bancas de mestrado e sempre digo que hoje tem dados demais. Apesar disso, eu acredito em menos de 10% do que vejo na internet. Infelizmente, vemos muita gente pegando número de qualquer jeito, fazendo análise, sem confiabilidade. Quem quiser fazer algo diferente dessa enxurrada de informações sem credibilidade precisa se engajar em uma rede organizada, séria, com história, para buscar a precisão das informações nos detalhes.

Que conselho você deixa para os jovens que estão se engajando agora na produção leiteira?

Na atividade leiteira temos um sério problema de sucessão e isso não só no Brasil. Para o produtor de leite, em especial, digo que ele não precisa entender de leite, precisa ter as pessoas que vão fazer a gestão da atividade. O mesmo vale para a indústria. Dentro da fazenda, as pessoas são mais importantes do que as vacas. Afinal, as pessoas é que vão cuidar das vacas. Os animais, por sua vez, são mais importantes do que o leite. Eles são as estrelas. Mas antes das estrelas, tem as pessoas. Se você tem uma boa equipe, organizada, sabendo o que cada um faz, assessoria na hora

certa, de tempos em tempos, a chance de sucesso é muito maior. E é preciso também abrir os horizontes, procurar ter boas informações, não só de preços. Olhe para o mundo, não estamos mais em condições de fazer nada sozinhos.



Lorildo Aldo Stock: vida dedicada ao leite

Mapa do leite pós-pandemia

Uma conferência organizada pelo IFCN reuniu cerca de 370 especialistas das mais diversas áreas do setor lácteo global. A intenção foi debater a produção numa perspectiva pós-pandemia Covid-19. Para esses especialistas, alguns dos pontos mais importantes são os seguintes:

1

Setor lácteo já era concebido como essencial, mas passou a ser considerado vital – especialmente durante *lockdown**;

2

Aumento de cuidados com a sustentabilidade ambiental;

3

Ganho de importância de sistemas produtivos em bases naturais;

4

Aceleração de mudanças que já vinham se verificando, de forma mais lenta;

5

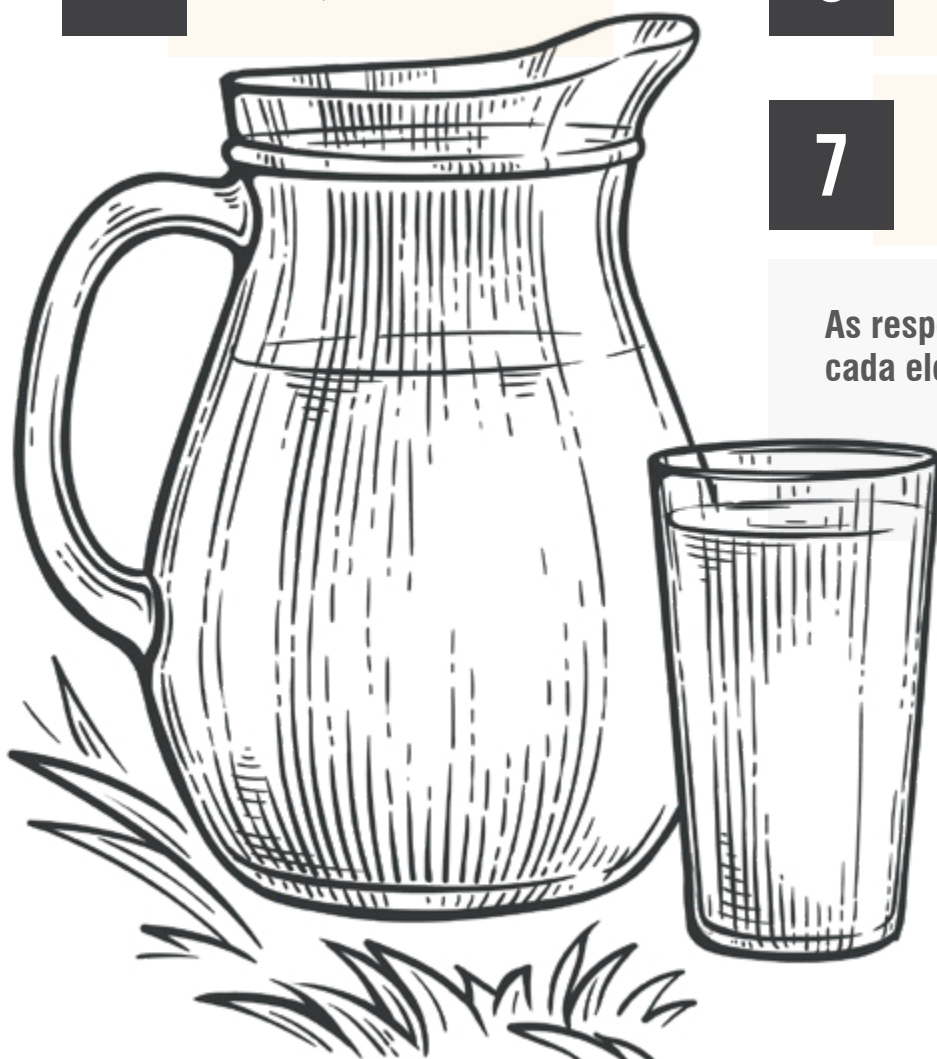
Fortalecimento dos lácteos em termos de marcas locais;

6

Maior relevância das normas de cuidados com a saúde;

7

Mais colaboração entre os elos da cadeia para mitigar a crise;



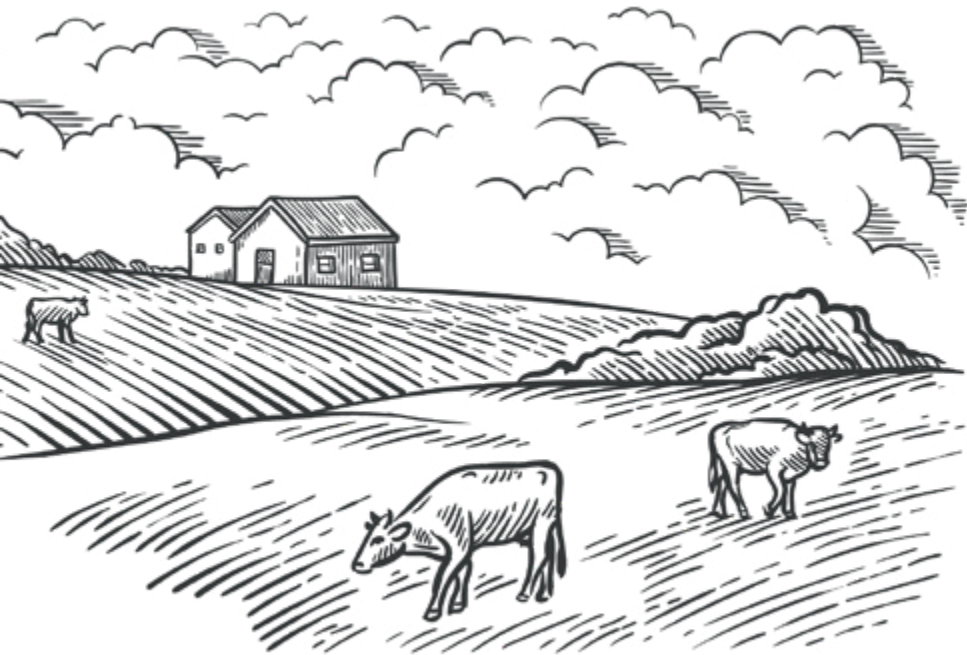
As respostas de cada elo da cadeia



PRODUTOR

- Intensificação no desenvolvimento e uso de novas tecnologias;
- Digitalização, automação, robotização de atividades e tomada de decisão em tempo real;
- Produtor cada vez mais conectado à internet, tanto com indústria quanto com fornecedores.

Lição da pandemia: percebeu que fazer as coisas de forma diferente não necessariamente é mais caro.



A produção de leite no mundo em 2019

Produção: +1,3%

Demanda: +1,6%

Preços: +9%

Expectativas para 2020

Até o fim do ano, lácteos no mundo devem voltar à normalidade, com produção e preços no patamar de **US\$ 35/100 kg** de leite

Cenário para 2025

Alguns números de um levantamento feito com os 370 participantes do *Outlook*:

- 83% dos participantes acreditam em um cenário positivo;
- 83% apostam na tecnologia como fator determinante para esse processo;
- 53% acreditam que principais inovações identificadas são uso de tecnologias da informação;
- 44% veem robotização como fator de mudança;
- 23% acham que autossuficiência, segurança alimentar e sustentabilidade são aspectos mais importantes da atividade leiteira no futuro.

Fonte: Embrapa Gado de Leite

Infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

8

PONTO DE ATENÇÃO:

Novo momento poderá ser motivo de políticas protecionistas, com consequências nas exportações de lácteos.

* isolamento radical, no qual as pessoas têm mobilidade restrita apenas para atividades essenciais, como mercado, hospital e farmácia



INDÚSTRIA

- Maior disponibilidade de informações;
- Decisões em tempo real;
- Conectividade com o produtor por meio da internet;
- Agregação de valor para não interromper fluxo da produção.

Lição da pandemia: indústria se reinventa para gerar benefícios ao produtor e manter processamento de leite.

CONSUMIDOR

- Maior atenção ao valor nutricional dos lácteos;
- Volta ao essencial, natural, básico e produto local;
- Crescimento das compras *online*.

Lição da pandemia: é preciso trabalhar para a melhoria da imagem da cadeia produtiva do leite como um todo.

VIA RÁPIDA



Roedores amigos

Você sabia que os ratos sentem empatia? Pesquisas apontam que os roedores são animais sociais que ajudam seus semelhantes necessitados, como, por exemplo, quando estão presos em armadilhas. Recentemente, um novo estudo publicado no periódico *Current Biology* também revelou que ratos domésticos evitam ferir outros ratos.

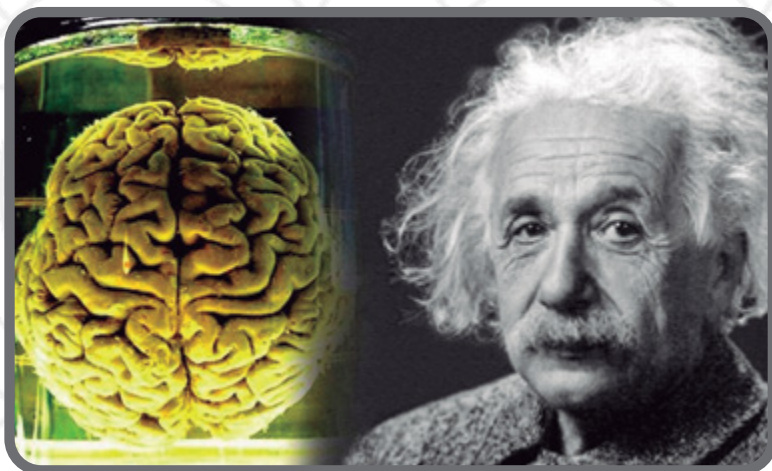
Os hipopótamos de Escobar

Um lado da história pouco conhecido de Pablo Escobar, famoso narcotraficante colombiano, é o desequilíbrio ambiental causado pelos hipopótamos do seu zoológico particular. Depois da morte de Escobar, os animais se libertaram e se multiplicaram, tornando-se um grande problema para o governo da Colômbia. Como são muito pesados e agressivos, realocá-los ou castrá-los é uma tarefa perigosa, difícil e custa muito dinheiro.



Malditos nazistas!

O primeiro-ministro britânico Winston Churchill, importante figura da Segunda Guerra Mundial, deixou seu legado de diversas formas. O mais curioso é provavelmente sua arara de estimação, Charlie, que até hoje continua xingando Hitler e os nazistas — coisa que aprendeu com o dono. A ave completou 121 anos e, entre suas expressões favoritas, estão “maldito Hitler” e “malditos nazistas”.



Cérebro *in vitro*

O cérebro do físico Albert Einstein, um dos maiores gênios do século XX, continua entre nós. O órgão se mantém conservado até hoje e, ao longo dos anos, foi motivo de curiosidade entre a comunidade científica. A estadunidense Marian Diamond, uma das fundadoras da neurociência moderna, foi a principal estudiosa do cérebro de Einsten.

Rota solitária

Nos anos 1980, a revista norte-americana *Life* apelidou a *Highway 50* de “a estrada mais solitária da América”. Desde então, ela tornou-se um grande atrativo para viajantes em busca de aventuras pelos 550 quilômetros que atravessam o Estado de Nevada. Curiosamente, a *Highway 50* era uma via expressa durante a corrida do ouro dos anos 1850.



Vulcão mais antigo do mundo

Acredite se quiser, mas o vulcão mais antigo do mundo fica no Brasil! O Vulcão Amazonas foi descoberto em 2002, na região de Uatumã, no Estado do Pará. Sua idade? Nada menos que 1,9 bilhão de anos. O vulcão possui um diâmetro de 22 quilômetros e seu cone chegou a ter 400 metros de altura no auge das erupções. Porém, ele está inativo há muito tempo.



Ponto de vista

Um homem sentou-se ao meu lado e me mostrou no celular uma foto da esposa dele e perguntou:

– Ela é bonita, não é?

Eu respondi:

– Se você acha que ela é bonita, deveria ver a minha namorada então.

O homem questionou:

– A sua namorada é tão bonita assim?

E eu respondi:

– Não, ela é oftalmologista.



UMA SIMPLES FOTO



BOLETIM NO RÁDIO

O PODCAST SEMANAL DO SISTEMA FAEP/SENAR-PR

*PODCAST É UM
PROGRAMA
DE RÁDIO VIA
INTERNET QUE
VOCÊ PODE OUVIR
NAS SEGUINTE
PLATAFORMAS:*



Facebook

Sistema Faep



Youtube

Sistema Faep



Spotify

Sistema Faep



Aplicativo

Sistema Faep



Site

sistemafaep.org.br

SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• **FAEP** - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• **SENAR-PR** - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável